

# A língua apapokúva-guarani registrada por Nimuendajú

## *The Apapokúva-Guarani language documented by Nimuendajú*

Wolf Dietrich\*

**Resumo:** O apapokúva é um dialeto do avá-guarani (chamado também de nhandéva), família tupi-guarani, dialeto falado no estado do Paraná (Brasil). É a língua em que Nimuendajú anotou as lendas da criação e destruição do mundo dos apapokúva. A descrição da língua por Nimuendajú é a primeira análise científica da língua, uma língua que hoje apenas se conhece nos detalhes porque os avá atualmente falam uma mistura de avá, mbyá e guarani paraguaio. Por isso é muito difícil saber o que é próprio do avá. A língua descrita por Nimuendajú pode servir para um melhor conhecimento da língua avá original. O apapokúva de Nimuendajú será analisado em uma perspectiva comparativa, para vermos as relações estruturais com os outros dialetos guarani, o guarani paraguaio, kaiowá, mbyá e o guarani do Chaco ou chiriguano.

**Palavras-chave:** Avá-guaraní; Dialeto apapokúva; Fonologia diacrônica.

**Abstract:** Apapokúva is a dialect of Avá-Guarani (also called Nhandeva), Tupi-Guarani language family. The dialect, spoken in the Brazilian state of Paraná, was described first by Nimuendajú when he published the ritual text of the Legends of the creation and destruction of the world. It contains the first scientific analysis of a language which is poorly known today because the Avá are speaking a mixture of their own language, together with Mbyá and Paraguayan Guarani. It is therefore difficult to know which elements are authentic Avá. Nimuendajú's description of the language makes possible a better knowledge of what is original Avá. Apapokúva as described by Nimuendajú will be analyzed here in a comparative perspective in order to allow structural relations with other Tupí-Guarani dialects, such as Paraguayan Guarani, Kaiowá, Mbyá, and Chaco Guarani (or Chiriguano).

**Key words:** Avá-Guarani; Apapapokúva dialect; diachronic phonology

\* Professor catedrático emérito da Universidade de Münster (Alemanha), Instituto de Filologia Românica, Departamento de Linguística. E-mail: dietriw@uni-muenster.de

## Introdução

### 1) Subagrupação do tronco tupi e da família tupiguarani

O tronco tupi, ou superfamília tupi, é constituído por dez famílias, poruborá, ramarama, mondé, tuparí, arikém, juruna, mundurukú, awetí, mawé e tupi-guarani (Rodrigues, 1986, p. 29-46). De todas estas, a família tupi-guarani é a mais estendida geograficamente e a mais diferenciada em línguas e dialetos (umas 35 línguas vivas, algumas com vários dialetos, espalhadas da Guiana Francesa, passando pelo Brasil, pela Bolívia e Paraguai, até à Argentina; Dietrich 2010a, p. 9-15). O próprio guarani compõe-se de oito línguas faladas da parte leste da Bolívia (guarani do Chaco ou chiriguano, tapiete), passando pelo norte da Argentina (guarani do Chaco ou chiriguano, tapiete) e o Paraguai (avá-guarani ou chiripá, paĩ-tavyterã ou kaiowá, mbyá guarani paraguaio, atxê ou guayaki) até ao sudeste, sul e centro-oeste do Brasil (avá-guarani ou nhandéva, kaiowá, mbyá, guarani paraguaio e xetá).

Como se vê, muitas línguas se identificam com nomes vários; anotamos aqui a denominação científica e uma das tradicionais, muitas vezes consideradas como depreciativas pelos próprios falantes. A autodenominação comum do Avá, do Guarani paraguaio e do Guarani do Chaco é simplesmente Guarani. O termo *Avá* significa ‘homem (índio)’, a autodenominação da língua deles é guarani. Em contextos linguísticos, falamos em avá-guarani para podermos distinguir a língua das outras variantes do guarani (guarani paraguaio, kaiowá, mbyá), variantes bem inteligíveis mutuamente, mas consideradas como línguas diferentes pelos linguistas. A razão disso é que uma língua como o próprio avá-guarani tem vários dialetos. Se considerarmos o avá, kaiowá, mbyá etc. como dialetos, eles se diferenciam em subdialetos. Tais são: (a) as variedades do avá-guarani faladas perto de São Paulo e no norte do Paraná; (b) do rio Ocoí e rio das Cobras (PR); (c) do rio Iguatemi (MS); e, (d) das aldeias do Paraguai (Costa, 2010, p. 13-14).

### 2) Etnônimos

O termo *nhandéva*, usado sobretudo no Brasil, se analisa como *ñandé* ‘nós (eu, você e os outros)’ + *-va* ‘nominalizador oracional’, ‘os que somos nós’. O *apapokúva*, *apapocúva* na grafia do próprio Nimuendajú (1914), era um dialeto do avá-nhandéva falado no estado do Paraná e do atual Mato Grosso do Sul, Brasil. Hoje o antigo dialeto já não existe como unidade identificável. O termo *apapokúva* se analisa como *-apa* ‘arco’, *poku/puku* ‘comprido’ + *-va* ‘nominalizador oracional’, ‘os que têm arcos compridos’. Os Avá-Guarani paraguaios tradicionalmente são chamados de *Chiripá*, *Txiripá*, também por parte dos Mbyá.

O termo, depreciativo, refere-se à conhecida vestimenta dos antigos gaúchos. A autodenominação dos avá-guarani paraguaios é *avakatueté* 'homens absolutamente autênticos', de *ava* 'homem (índio)' + *katu* 'verdadeiro, autêntico' + *-ete* 'superlativo'.

### 3) Informações sociolinguísticas

Segundo Nimuendajú (1914, p. 286-287), os ancestrais dos Nhandéva, e também dos Apapokúva, ainda no século 17, viviam perto das primeiras missões jesuíticas de Ontiveros e Guairá, no atual estado brasileiro de Paraná, mas também no extremo sul do atual Mato Grosso do Sul. É possível que parte deles tivesse estado em contato com os jesuítas e, fugindo dos ataques constantes dos bandeirantes paulistas, tivesse sido levada com os missionários nas reduções do sul do Paraguai. Desse modo, o avá-guarani ou avá-nhandéva pode ter desempenhado um papel importante na formação do guarani paraguaio moderno, já que é muito provável que na origem dessa língua esteja a união dos habitantes das reduções (Avá e Kaiowá?) com os Avá e Kaiowá da vizinhança e com os crioulos da vizinhança, também falantes de guarani.

Hoje, os Avá-Guarani vivem no Paraguai (distritos de Kuruguaty e Villa Ygatími, departamento de Canindeyú; Mariscal López, departamento de Caaguazú; Hernandarias, Minga Porã, Mbarakaju, departamento de Alto Paraná) e no Brasil (do sul de Mato Grosso do Sul até o Rio Grande do Sul). Dados pormenorizados encontram-se em Fabre (2005). Os dialetos do avá-guarani mencionados por Nimuendajú (1914, p. 286-293) eram o apapocúva, o tañyguá e o oguauíva. Do apapocúva e tañygua, caracterizados pelo acento oxítono (na última sílaba das palavras), o oguauíva se diferenciava pelo acento na penúltima sílaba, como entre os Chiriguano. Hoje, esses dialetos já não existem na forma antiga. Os que se podem distinguir são os quatro dialetos alegados acima (§ 1.2). Nenhum deles continua a tonicidade peculiar do antigo oguauíva.

As cifras dos Avá-Guarani são 13.000 indivíduos aproximadamente para Paraguai (Segundo Censo Nacional Indígena, 2002)<sup>1</sup> e 1150 pessoas para o Brasil (Costa, 2010, p. 1415). É muito difícil saber quantos deles são falantes, mas todas as notícias atuais (Aquino/Proyecto Kuatiañé, 2004; Costa, 2010) confirmam que a língua se mantém relativamente bem. Porém a língua está ameaçada de extinção, em vista do fato que, numa proporção realista, se pode contar só com uns 30% dos indivíduos que falam a língua (Freitas 2011, p. 10).

<sup>1</sup> Freitas (2011, p. 10) menciona 13.430 pessoas em 122 comunidades para o mesmo censo. Isto significa que, entre 2002 e 2011, a população aumentou de mais de 2.000 pessoas.

#### 4) A autonomia da língua avá-guarani

O maior problema do estudo do avá-guarani é que a língua, praticamente, já não existe na sua forma pura, autêntica, já que, geralmente, os Avá vivem nas suas aldeias junto com povos falantes de outras línguas, como o mbyá, kaiowá, terêna (arawak), falando uma mistura de línguas e dialetos. “Esta mescla demográfica efetua uma mescla linguística, que complica a identificação de grupos dialetais” (Dooley, 1991, p. 7). No Paraguai, todos os Avá-Guarani estão em contato com o guarani paraguaio (*avañe’ẽ*). Portanto o problema do linguista é reconhecer o que é avá-guarani autêntico e o que é emprestado do mbyá, kaiowá ou guarani paraguaio. Em todo caso, o léxico avá-guarani paraguaio, descrito no dicionário recompilado por Aquino e no Proyecto Kuatiañe’ẽ (2004), não permite distinguir sempre entre as línguas, ao passo que o nhandéva-guarani de São Paulo e Norte de Paraná, descrito por Consuelo de Paiva Costa (Costa, 2010), parece ser mais puro. Todavia o problema permanece em todas as análises seguintes.

O estudo da língua documentada por Nimuendajú pode permitir um acesso ao avá-guarani mais autêntico porque a mistura linguística, embora tenha sido observada pelo mesmo Nimuendajú, tal vez fosse ainda menor, sobretudo em textos religiosos, rituais, como era a lenda da criação e destruição do mundo transmitida de maneira exemplar por Nimuendajú.

### Os começos de Nimuendajú-Unkel

#### 1) Elementos biográficos

Curt Unkel<sup>2</sup>, nascido em Jena (Alemanha) em 1883, depois de terminar o ensino secundário e uma aprendizagem de mecânico de precisão na famosa casa Zeiss (Jena), viajou para o Brasil em 1903. Sem iniciar um estudo universitário, ele partiu para conhecer “os índios” (Rodrigues, 2008, p. 171). À continuação, Rodrigues (2008, p. 171) nos ensina que o jovem Unkel, em 1905, encontra um grupo de Guarani no rio Batalha, afluente do Tietê, ao oeste de Bauru (São Paulo). Ele se instala nesse grupo de 200 pessoas para viver dois anos com a “horda”, como ele costumava dizer, é aceito como filho adotivo e aprendiz dos conhecimentos tradicionais. Depois de um ano, em 1906, é batizado ritualmente, recebendo o nome *Nimuendajú* ‘aquele que veio

---

<sup>2</sup> Várias vezes se encontra a grafia Unckel, sobretudo em publicações recentes sobre ele. Não pude verificar a exatidão dessa grafia, já que Nimuendajú nunca publicou com este sobrenome, nem com Unckel-Nimuendajú, nem com Unkel-Nimuendajú, mas com Nimuendajú Unkel, sempre quando publicou com sobrenome duplo.

a sentar (entre nós)<sup>3</sup>. Este será seu futuro nome de autor, mas sua primeira grande publicação, o estudo das lendas da criação e destruição do mundo dos apapokúva-guarani, de 1914, leva ainda o sobrenome duplo: Nimuendajú-Unkel. É o trabalho com o qual, de repente, entra no mundo acadêmico. Já é um etnólogo que impressiona. O sobrenome Nimuendajú-Unkel figura nas publicações de 1914 e 1915, depois ele publica já como Curt Nimuendajú. Depois de adquirir a nacionalidade brasileira, em 1922, vai abandonando o alemão para publicar mais e mais em português. Curt Nimuendajú faleceu em 10 de dezembro de 1945, em Santa Rita (no Solimões, município de São Paulo de Olivença, Amazonas), entre os índios tukuna (ou tikuna, que falam uma língua isolada).

## 2) Os méritos linguísticos de Nimuendajú

A documentação das lendas da criação e destruição do mundo dos apapokúva foi a primeira façanha científica do jovem etnólogo. Não é obra de linguista, mas a breve descrição comparativa da língua que Nimuendajú oferece no segundo subcapítulo intitulado “Dialekt” (‘dialeto’, p. 293-300) surpreende pela qualidade da análise fonética e morfológica. É o primeiro esboço linguístico do avá-guarani em perspectiva comparativa; em primeiro lugar, com o guarani antigo, isto é, o guarani jesuítico documentado pelos dicionários e a gramática de Ruiz de Montoya (1639; 1640); em segundo lugar, com línguas tupi-guarani apenas conhecidas naquela época, como o tembé e o guajajára, mas também com o mbyá, que ele cita como dialeto cheirũ ou txeirũ (*che-irũ*, ‘meu vizinho’), falado pelos vizinhos meridionais dos apapokúva. Além disso, o texto das lendas e sua tradução alemã também permitem fazer-se uma ideia da linguagem ritual apapokúva. Nimuendajú (1914, p. 296 e 299-300) faz comparação linguística também com o avá-canoeiro, uma língua tupi-guarani de Goiás e Tocantins, quando fala do acento, que ele chama de “tonicidade” (do alemão *tonfall*). O apapokúva, como o mbyá, kaiowá, guarani paraguaio e avá-canoeiro, é agudo, enquanto os dialetos oguaúva e tañyguá, como o chiriguano, são graves.

<sup>3</sup> O termo do dialeto apapokúva se analisa como *ni-mu-enda ju* prefixo reflexivo-causativo-lugar para viver brilhante, ‘aquele respeitável que fez morada para si (entre nós)’. A palavra *ju* ‘amarelo’ pode significar também ‘brilhante’ e, metaforicamente, ‘respeitável’. Veja-se a explicação dada por Aryon Rodrigues em [http://biblio.etnolingustica.org/autor:curt\\_nimuendaju](http://biblio.etnolingustica.org/autor:curt_nimuendaju). Links externos. Acesso em: 30 maio 2013.

## Fonologia avá-guarani diacrônica

### O problema do /h/

Começando com a fonologia apapokúva, vou discutir o problema da existência do fonema /h/ no avá-guarani. Esse problema relaciona-se com a evolução das consoantes das proto-línguas. Nem o proto-tupi (Rodrigues, 2007, p. 171-172), nem o proto-tupi-guarani reconstruído (Rodrigues; Dietrich 1997, p. 268) tinham um fonema /h/. Este se desenvolveu a partir do proto-fonema \*/ʈ/. Em algumas línguas tupi-guarani se manteve (guarayo, cocama), em outras, a africada passou à fricativa /s/ (tupinambá, sirionó, yúki), em outras ainda à /h/ (guarani paraguaio, kaiowá, tembé, guajajára). Em muitas línguas, a evolução fonológica chegou ao ponto extremo, com o emudecimento do /h/ > ∅ (avá-guarani, mbyá, atxê, xetá, guarani do Chaco ou chiriguano em posição intermédia, em kayabí, tapirapé e, na maioria dos casos, em wayãpi). Assim, o apapokúva descrito por Nimuendajú carece de /h/. Nimuendajú comenta o fato (1914, p. 295), dizendo que a falta de /h/ era uma característica do apapokúva, de modo que os vizinhos faziam troça deles pelos muitos homônimos que resultaram disso<sup>4</sup>.

Se é verdade que o apapokúva descrito por Nimuendajú carece de /h/ e os dialetos do avá-nhandéva estudados por Costa (2010, p. 52-53) apresentam a mesma característica fonológica, os dialetos paraguaios do avá-guarani documentados no dicionário de Aquino/Proyecto Kuatiañe'ẽ (2004, p. 36-40) têm muitos exemplos de /h/ em posição inicial: *háí* 'azedo', *haku* 'desejo sexual', *a-ha'ã* 'gostar de', *ha'e* (pron. de 3ª pessoa), *hãí* 'dente', *ha'ýji* 'semente', *heko* 'costume (de ser), vida', *a-hekýji* 'falecer, morrer', *héry* 'seu nome' em frente de *téra* 'nome', *hesa* 'olho', *a-ho* 'eu fui, ir' em frente de *a-a* 'eu fui, ir', *hogue* 'folha', *hosã* 'quem é de vida comprida, não quer morrer', *a-hovyro* 'tirar as folhas' etc. Essas formas mostram a forte influência do guarani paraguaio, talvez

<sup>4</sup> O exemplo de Nimuendajú (1914, p. 295) descobre um defeito de análise fonética comum na sua época: como todos seus contemporâneos e predecessores, por exemplo, os missionários dos séculos anteriores que escreviam gramáticas de línguas indígenas, ele não percebe a existência do corte glotal, isto é da oclusiva glotal /ʔ/, fonema típico das línguas tupí e reconstruído também para o proto-tupí e o proto-tupí-guarani (Rodrigues 2007, p. 171; Rodrigues e Dietrich 1997, p. 268). O exemplo aludido de Nimuendajú é a suposta homonímia de *a-á* 'eu caí' e *a-a* 'eu fui' (do verbo -o 'ir'). Na realidade, 'eu caí' tinha que ser *a-á* /a-ʔ a/ em frente de *a-á* /a-a/ 'eu fui'. Nas outras línguas guarani (guarani paraguaio, kaiowá) as duas palavras se diferenciam pela oclusiva glotal, *a'a* 'eu caí' e pelo /h/, *aha* 'eu fui'. Na ortografia usada nos trabalhos linguísticos se emprega o apóstrofo para marcar a oclusiva glotal /ʔ/, seguindo a tradição quéchua (a partir de 1890) e a paraguaia (a partir dos anos 50 do século XX). Por outro lado, Rodrigues (2008, p. 174) dá uma explicação convincente da ocultação da oclusiva glotal /ʔ/ por parte de Nimuendajú: como ele se orienta pela grafia de Ruiz de Montoya (1639, 1640) em muitos aspectos, pode ser que seja o caso também na omissão da /ʔ/, para a qual Montoya ainda não tinha modelo de como grafá-la.

também do kaiowá. A maioria das palavras mencionadas existe também no guarani paraguaio, mas tem outro significado: *ha'ã* significa 'provar', *hekýji* 'sacar, tirar' é verbo transitivo, *haku* 'faz calor, está quente'; em *haku, hãí, heko, hesa, hogueh-* inicial é o morfema da 3ª pessoa que indica a possessividade (seu calor, seu dente, sua vida, seu olho, sua folha) ou a predicatividade (tem/faz calor, tem dentes, costume, olhos, folhas). As formas alternativas *héry, téra/réra* evidenciam a mistura do avá-guarani com as línguas vizinhas e aparentadas, seja que se trate de subdialetos avá-guarani que se diferenciam por degraus diferentes de mistura, seja que as formas alternativas correspondam a usos individuais e dependentes de situações diferentes.

## 2) Evolução dos proto-fonemas \*/ts/ e \*/ʃ/

A evolução do proto-fonema \*/ts/ nas línguas tupi-guarani com as quais o avá-guarani documentado por Nimuendajú estava em contato se vê no quadro seguinte. Distinguimos entre posição inicial e intermédia (veja-se também Dooley, 1991, p. 8):

PROTO-T-G	AVANĒ'Ē	KAIOWÁ	MBYÁ	AVÁ-GUARANI
*tse'ẽ 'doce'	he'ẽ	he'ẽ	he'ẽ	e'ẽ
*tsoʃi 'verde'	hovy	hovy	Hovy	Ovy
*tsepi 'é caro'	hepy	hepy	Hepy	Epy
*j-atsuk'tomar banho'	jahu	jahu	Jaú	Jaú
*-atso 'levar'	a-r-aha	a-r-aha	-raa	a-raa
*motsapir 'três'	mbohapy	mbohapy	Mboapy	Mboapy
*pitsatsu 'novo'	pyahu	pyahu	Pyauí	pyauí, mas pyahú 'adolescente'
*kwaratsi 'sol'	kuarahy	kuarasy	Kuaraj	Kuaraj
*o-tso 'ele foi'	o-ho	o-ho	o-ó	o-ó
*a-tsepjak 'eu vi'	a-hecha	a-hecha	a-echa	a-echa
*a-watsem 'eu cheguei'	a-guahẽ	a-guahẽ	a-vaẽ	a-maẽ

O guarani paraguaio (*avanẽ'ẽ*) e o kaiowá mostram a evolução regular de \*/ts/ > \*/s/ > \*/h/, sendo kaiowá *kuarasy* igual à forma do guarani antigo, herdada provavelmente do tupinambá. O mbyá preservou /h/- em posição inicial, mas não intermédia; o avá-guarani não manteve /h/ em nenhuma posição, pelo menos nas formas autênticas, não influenciadas pelo contato com outras línguas. Contudo os dados que se encontram em Freitas (2011b) evidenciam que os informantes avá-guarani paraguaios dela mostram muita

interferência com o guarani paraguaio, achando-se, por exemplo, muitos exemplos de forma do verbo 'ver' com -h-, como *ro-hecha* 'eu te vejo', *po-hecha* 'eu vos vejo' (Freitas, 2011b, p. 2011).

Nesse contexto, é elucidativa a comparação da evolução de \*/ts/ com a de \*/tʃ/. Esses proto-fonemas, que estavam em oposição fonológica na proto-língua reconstruída, ou se desenvolveram separadamente nas línguas tupi-guarani subsequentes, sobretudo nos diferentes dialetos guarani, ou subiram uma fusão em um único fonema \*/tʃ/ ou \*/ts/ (tupinambá, guarayo, sirionó, por exemplo). A evolução do proto-fonema \*/tʃ/ no avá-guarani mostra, mais uma vez, o caráter misto, pelo menos em partes da língua: enquanto que \*/tʃ/ passa a /ts/ no apapokúva de Nimuendajú e se mantém [ts] nos dialetos nhandéva descritos por Costa (2010, p. 56-64), a africada se torna fricativa, [s], no dialeto avá-guarani paraguaio<sup>5</sup>. Veja-se o quadro seguinte:

PROTO-T-G	AVANE'Ê	KAIOWÁ	MBYÁ	AVÁ-GUARANI
*tʃi 'mãe'	Sy	sy	chy[tʃi]	tsy / sy
*tʃu'u 'morder'	su'u	su'u	chu'u	tsu'u / su'u
*tʃam 'corda'	Sã	sã	chã	ytsã / -
*tʃirik 'correr, escorregar'	syry'fluir, escorregar'	syry	chyry'correr (líquidos), sair'	tsýi / sýi 'liso, escorregadio'
*a-tʃem 'saí, sair'	a-sẽ	a-sẽ	a-chẽ [atʃẽ]	a-tsẽ / a-sẽ
*jatʃi 'lua'	Jasy	jasy	jachy	jatsy / jasy
*ts-atʃi 'doi'	h-asy	h-asy	ø-achy	ø-atsy / ø-asy
*a-tʃ-atʃaβ 'passar'	a-hasa	a-hasa	a-acha	a-atsa / a-asa
*pitʃik/*pitsik 'pegar, agarrar'	ai-pyhy; pysy 'prisão'	ai-pyhy	ai-pyy 'limpar (tripa)'	ai-pyy, a-ji-pyy 'tomar, pegar'
*wafʃu 'grande'	Guasu	guasu	guachu	guatsu / guasu
*tʃok 'socar'	a-so 'soltar-se, ficar sem nada'	a-so	a-cho [atʃo] 'perder (dedo, mão, arrebentar)'; ajocho 'socar'	jotso 'socar'

O mesmo fenômeno aparece nos resultado de proto-tupí-guarani \*tʃe 'eu', *che'e* 'eu' em mbyá *tse'e* 'eu' no e avá-nhandéva do Brasil, enquanto o avá-guarani paraguaio tem *chi* 'eu'.

<sup>5</sup> Hoeller (1932, p. 2) observa uma simplificação paralela no guarayo dos anos 20 do séc. XX, com uma distinção diasssexual interessante: os homens mantêm o /ts/ tradicional como africada [ts] ao passo que as mulheres realizam a pronúncia progressiva [s]. Aliás, esta a evolução normal das línguas românicas medievais. As antigas africadas [ts] do português, espanhol, catalão e francês, grafadas <c> ou <ç>, passam a [s], na França e Catalunha nos século XIV, nas línguas ibero-românicas no século XV.



### 3) Os fonemas bilabiais

Outra característica do consonantismo avá-guarani observado já por Nimuendajú é a solução peculiar que o apapokúva apresenta na série bilabial do proto-tupi-guarani ou, pelo menos, do guarani antigo /β/v/ - /gw/ ηw/ - /m/: onde guarani paraguaio, kaiowá e mbyá têm /β/v/ ou /gw/ ηw/, o apapokúva tem /m/ (cf. Nimuendajú, 1914, p. 296; Dooley, 1991, p. 8-9, Rodrigues, 2008, p. 174):

- guarani antigo *o-vahẽ* - guarani paraguaio *o-guahẽ* - apapokúva *o-maẽ* 'ele/ela chegou';
- guarani antigo *o-hovaitĩ* - apapokúva *o-maitĩ* 'ele/ela encontrou';
- guarani antigo *ai-pytyvõ* - guarani paraguaio *ai-pytyvõ* - apapokúva *ai-pytymõ* 'eu ajudei, ajudar'; e,
- guarani antigo *a-ikotevẽ* - guarani paraguaio *a-ikotevẽ* - apapokúva *a-ikotemẽ* 'preciso de, precisar'.

O processo fonológico tem paralelos nos diferentes dialetos guarani, por exemplo, quando se compara o reflexo do morfema que marca o dativo nos pronomes pessoais, \*-βe. Na 2ª p. pl. o mbyá tem *pende-vý* e *pẽ-vy* 'a vós', o apapokúva de Nimuendajú tem *pe-mỹ*, em frente de avá-guarani paraguaio *peẽ-my*, kaiowá *pe'ẽ-my* e avá-nhandéva *pẽ-me* (Freitas, 2011b, p. 45). Na 1ª e 2ª p. do singular as formas são *ché-vy* 'a mim, para mim', *ndé-vy* 'a ti, para você' em apapokúva e em todos dialetos avá (Nimuendajú, 1914, p. 296; Freitas, 2011b, p. 44 e 49; Aquino/Proyecto Kuatiañe'ẽ, 2004, p. 80), *nde-vý* no mbyá (Dooley, 1991, p. 9). Dooley, no mesmo lugar, chamando a atenção às alternâncias /v/ - /m/ em mbyá *pavẽ*, avá-nhandéva *pamẽ* 'todos', *pavẽ* no guarani paraguaio, *guaiguĩ* e *guaimĩ* 'mulher velha' no guarani paraguaio, afirma que se trata de "um processo fonológico lexical em determinadas palavras, em vez de ser regra fonológica geral".

### 4) O sistema vocálico do apapokúva

No vocalismo, Nimuendajú (1914, p. 296) observa uma mudança fonética que, para os linguistas de hoje, é o resultado de uma debilitação vocálica por fechamento da vogal átona. Desta maneira, /e/ > /i/, /o/ > /u/ em sílaba pré-tônica, /e/ > /i/, /o/ > /i/ em sílaba pós-tônica:

- guarani antigo *che r-óga* 'minha casa' - apapokúva (e avá-nhandéva de hoje) *chi r-óy*;
- guarani antigo *ñe-mbojere* 'circundar' - apapokúva *ni-mbojere* (como *ni-* em Ni-muendajú);
- guarani antigo *ye-quaa* 'descobrir-se' - apapokúva *ji-cuaa*;

- guarani antigo *mo-hendi* 'atiçar (fogo)' - apapokúva *mu-endy*; e,
- guarani antigo *mo-henda* 'fazer morada' - apapokúva *muenda*.<sup>6</sup>

No caso do prefixo causativo *mo-/mu-*, o avá-guarani paraguaio de hoje apresenta também a variante *my-* em vez de *mu-* (Aquino/ Proyecto Kwatiañe'ẽ, 2004, p. 69-70, onde encontramos exemplos como *my-angeko* 'incomodar, molestar', *my-atã* 'fortalecer, corroborar', *my-enonde* 'governar'). Todos estes verbos existem também no guarani paraguaio, *myangekói* 'perturbar, incomodar', *myatã* 'puxar, esforçar-se', *myenonde* 'dirigir'. Parece evidente que se trata de empréstimos do guarani paraguaio. Aliás, a variante *my-* de *mo-/mu-* (Causativo) existe também no guarani do Chaco (chiriguano). Exemplos da mudança de /e/ > /i/, /o/ > /i/ em sílaba postônica são:

- guarani antigo *tatá-pe* 'ao/ para o fogo' - apapokúva *tatá-py* - mbyá *tatá-py* 'no fogo, ao fogo';
- guarani antigo *ché-ve* 'a mim, para mim' - apapokúva *ché-vy* - mbyá *ché-vy*; e,
- guarani antigo *o-hú-vo*<sup>7</sup> 'vindo ele, a vir' - apapokúva *o-ú-vy* - mbyá *o-u-vy* 'vindo ele'.

## 5) Análise do -/i/ final átona

Na análise da fonética do apapokúva, Nimuendajú (1914, p. 297) observa ainda alguns casos de -/i/ final átona lá onde o guarani antigo tinha sílabas finais como *-ka*, *-nga*:

- guarani antigo *óga*, *óga* 'casa' - apapokúva *óy* (guarani paraguaio *óga*, kaiowá *óga*, *óy*, avá moderno *óy/o*);
- guarani antigo *kóga* 'roça' - apapokúva *kóy* (guarani paraguaio *kóga* 'roça');

<sup>6</sup> Línguas românicas como o português, o catalão e o francês, para dar só alguns exemplos, também apresentam este tipo de enfraquecimento vocálico pelo fechamento das vogais átonas médias /e/, /o/ em [i], [u]. Por isso, *-o* e *-os* finais dos nomes e adjetivos portugueses se pronunciam *-[u]*, *-[us]*/ *-[u]*. O mesmo acontece em posição pretônica, veja os artigos *o*, os *-[u]*, *-[us]*/ *-[u]*/ *-[uz]*/ *-[u]*, para não falar aqui da /a/ em posição átona. Em posição pretônica temos também casos como *coroa*, *portanto*, *moeda*, *poder*, *isolação*, etc. Pronuncia-se [i] a /e/ átona, na norma brasileira, tanto em *nome*, *fome*, *parte* como, em *desembarque*, *menino*, *pedir*. Em francês se observam casos como *couronne*, do latim *corona*, *pouvoir*, do latim vulgar *\*potere*, *mouvoir*, do latim *movere*.

<sup>7</sup> Efetivamente, essa forma é a citada por Nimuendajú, embora as formas do verbo *ju* 'vir' sejam *a-ju* 'venho/vim', *ere-ju* 'vens/vieste', *o-u* 'vem/veio', com o gerúndio *o-ú-vo* 'vindo ele' (Ruiz de Montoya (1640/1993), 130-131; 256). A raiz *-hu(β)-* do guarani antigo significava 'achar, encontrar'. Parece que se trata de um equívoco por parte de Nimuendajú.

- guarani antigo *añãng* ‘diabo’ – apapokúva *añãy* (guarani paraguaio *añã*, mbyá *anha*, avá-guarani *añáy*); e,
- guarani antigo *coang*, isto é *ko’ãng* ‘agora’ – apapokúva e avá-guarani *ko’ãy* (guarani paraguaio *ko’ãga*, mby *ako’ay*).

Nesse contexto, nem Nimuendajú, nem Dooley (1991, p. 15-16) reconhecem a natureza da *-a* final átona dessas formas. Como explica Rodrigues (2008, p. 175), trata-se de restos do antigo caso argumentativo que existia no tupinambá e funciona ainda em todas as línguas tupi-guarani amazônicas e do Brasil central. Nos dialetos guarani, nos quais perdeu sua função sintática há muito tempo, se manteve materialmente só em casos isolados.

#### 6) Neutralização de /r/ - /n/ em contexto nasal

Nimuendajú (1914, p. 297) nota um fenômeno de fonética articulatória que se observa em vários dialetos guarani. Portanto, onde Nimuendajú e Rodrigues (2008, p. 174) falam em mudança fonética, acho que, na realidade, se trata da neutralização dos fonemas /r/ e /n/ em contextos nasais. Efetivamente, onde o guarani antigo tinha /r/, o apapokúva apresenta /n/ em contexto nasal. A interpretação como neutralização corresponde a uma valorização funcional do fenômeno. Na realidade articulatória, não se trata de consoantes bem discriminadas /r/ ou /n/, mas de realizações alveolares indistintas, de sons realizados entre vibrante alveolar simples (tepe) e nasal alveolar. Neutralização quer dizer que a realização fônica contém o que é comum aos dois fonemas /r/ e /n/, o toque da ponta da língua nos alvéolos. Os exemplos de Nimuendajú são:

- guarani antigo *baera*, isto é *va’erã* (futuro do particípio) – apapokúva *va’éna*;
- guarani antigo *ae ramĩ’* assim, desta maneira’ – apapokúva *aénami*; e,
- guarani antigo *porã* ‘bom, bonito’ apapokúva *pona*.

No primeiro parágrafo das *Lendas da criação e destruição do mundo* (Nimuendajú 1914, p. 388) lemos *Omoatá mánamo yvý ytá, yvý oá ma* ‘quando ele retirar o apoio da terra, a terra se cairá’. *Mánamo* ‘quando’, *máramo* no guarani paraguaio, pode funcionar como conjunção subordinativa. O mesmo Nimuendajú (1914, p. 297-298) compara o sufixo apapokúva *-no* ‘como, na sua qualidade de’ com o *-ramo* átono do guarani antigo, idêntico em mbyá e guarani paraguaio, e o *-namo*, *mano* da Língua Geral, dando exemplos como apapokúva *yvý ytáno* ‘na qualidade de apoio da terra’, *caarúno* ‘de tardinha, sendo de tardinha’, *côéno*, isto é *ko’ẽ-no* ‘de manhã, sendo de manhã’, *oaé jevýno* ‘quando voltaram’ (*o-a’ẽ jevý-no* no avá-guarani paraguaio de hoje). A forma do guarani paraguaio moderno é *-rõ*, sufixo átono, que se considera forma

abreviada de *-ramo*, conjunção subordinativa átona. O fenômeno da neutralização de /r/ - /n/ em contexto nasal, observa-se, por exemplo, também no guarani do Chaco (chiriguano) (Dietrich, 1986, p. 65-66). Sua frequência e distribuição se explica pelos pontos de articulação alveolares de /r/ e /n/, praticamente idênticos.

## 7) Supressão de sílabas átonas

A supressão de sílabas átonas, pretônicas e postônicas é mais um fenômeno morfofonológico observado por Nimuendajú (1914, p. 297). Ele constata a deterioração fonética do apapokúva, em confronto com o guarani antigo - a única língua guarani documentada na sua época -, em diferentes sufixos (cf. também Dooley, 1991, p. 15; Rodrigues, 2008, p. 175). Um deles é a nominalização de agente, guarani antigo *-hára*, cujo reflexo apapokúva é *-á* (< proto-tupí-guarani-*\*tsar* + *-a* 'antigo caso argumentativo'; mbyá *-á*, guarani paraguaio e kaiowá *-há*). Vimos acima (§3.2.) que o *\*/ts/* da proto-língua passou a /h/ >  $\emptyset$  em apapokúva. As consoantes finais da proto-língua caíram nas línguas guarani, e o caso argumentativo abandonou-se, salvo nos casos particulares mencionados acima (§3.5). Nimuendajú chama de "participios" as nominalizações de agente em *-hára/-á* 'aquele/ aquela que faz alguma coisa', em *-haréra/-aré* 'aquele/ aquele que fez alguma coisa' (<*\*-tsar-ér* 'passado' + *-a* 'antigo caso argumentativo') e em *-vaeranguéra/vaenangué* 'aquele/ aquela que devia fazer alguma coisa (mas não fez)', <*-va'e* 'nominalização oracional' + *-rã* 'aspecto destinativo' + *-\*kwer* 'não pertencente' (Dietrich, 2011) + *-a* 'antigo caso argumentativo'. Os exemplos de Nimuendajú:

- guarani antigo *mocañỹhara* 'aquele que mata' - apapokúva *mocañỹá*;
- guarani antigo *mocañỹharera* 'aquele que matou' - apapokúva *mocañỹare*; e,
- guarani antigo *ndeyucabaeranguera* 'aqueles que você devia matar' - apapokúva *ndejuca vaenangué*.

Eles mostram uma interferência pessoal do apapokúva no guarani antigo com respeito à semântica: o verbo *kañỹ*, que no mbyá, kaiowá e guarani paraguaio (antigo e moderno) significa 'perder-se, sumir', no avá-guarani significa 'morrer'; sua forma causativa *mo-kañỹ* significava 'matar' em apapokúva (para o avá-guarani encontra-se *mokangy* em Aquino/ Proyecto Kuatiañe'ẽ, 2004, p. 68). Parece que Nimuendajú, nos dois primeiros exemplos, transferiu o significado apapokúva ao guarani antigo, no qual *mokañỹ* significava 'fazer perder, acabar com' (Ruiz de Montoya, 2011 [1639], p. 238, s.v. *kañỹ*). O último exemplo de Nimuendajú é:

- guarani antigo *ẽỹma*, *ỹma* (isto é *-e'ỹma*), *-ỹma* 'negação, sem' - apapokúva *ẽỹ* (*-e'ỹ*). Esse sufixo, que marca a negação lexical, como o

português *im-em impossível*, se analisa como *\*-eʔym'* 'negação lexical' *\*-a* 'antigo caso argumentativo'. Seu reflexo mbyá é *-e'ỹ*, kaiowá e guarani paraguaio *-'ỹ*. Se o guarani antigo manteve a consoante final *-m* em *-e'ym*, aparentemente sem nasalizar a vogal precedente, se trata de uma forma que não se prevê em guarani. Fica ainda por comprovar que se trata da continuação da tradição tupinambá por parte dos missionários jesuítas.

A supressão de sílabas átonas pré-tônicas observada por Nimuendajú (1914, p. 297) em apapokúva ocorre, por exemplo, em *chi-mbireko* 'minha mulher, minha esposa'. A forma correspondente do guarani antigo apresenta a formação completa *che r-embireko* que se analisa como '1ª p. sg. nominal' + 'morfema de contiguidade' + 'prefixo nominalizador verbal que nominaliza o objeto do verbo' + 'ter, possuir', 'a que o sujeito tem, a esposa'. Esta forma *che rembireko* é a comum do mbyá, kaiowá e guarani paraguaio. *Chimbireko* parece ser uma forma de pronúncia rápida, não documentado para o avá-guarani ou avá-nhandéva de hoje.

No segundo caso observado por Nimuendajú, o de guarani antigo *che re-mymba* 'meu animal doméstico' e apapokúva *chi mymba*, não se trata do mesmo fenômeno. No proto-tupiguarani existia uma forma *m-imbaβ* para designar a classe não especificada dos animais domésticos. Os animais domésticos especificados se designavam a partir da raiz *\*-eymaβ*, com flexão relacional, por exemplo, *\*ife r-eymaβ*. Esse sistema se alterou já no guarani antigo *che re-mymba*, em vez de *\*che r-eymba*. No guarani paraguaio, kaiowá e mbyá temos as formas regulares *mymba*, *che r-ymba*, *h-ymba* 'seu animal doméstico, tem animal doméstico'; em guarayo, que se fala na Bolívia oriental, Hoeller (1932) anotou, ao lado de *m̃ymba*, a mesma forma *che rem̃ymba* que Nimuendajú notou para o guarani antigo.

## 8) Geminção vocálica em palavras monossilábicas

Para completar a descrição morfofonológica do avá-nhandéva, acrescentamos um fenômeno que não consta em Nimuendajú (1914), mas que foi anotado por Dooley (1991, p. 14-15) e que tem paralelas em outras línguas tupi-guarani mais ou menos vizinhas, o mbyá, o atxê (Aquino/Proyecto Kwatiañe'ẽ, 2006) e o guarani do Chaco (chiriguano, gch, Dietrich, 1986). Trata-se do que Dooley chama a "geminção de vogal em palavras antes monossilábicas" (1991, p. 15). No avá-nhandéva estudado por Dooley no norte de Paraná, a geminação se apresenta pela repetição da vogal da palavra monossilábica de jeito que as duas vogais estão separadas pela oclusiva glotal /ʔ/. A geminação opera só em palavras isoladas ou em sintagmas nos quais o elemento em questão está diante de pausa ou, como formula Dooley (1991,

p. 15) “Este processo só opera em vocábulos que podem ocorrer como grupos de pausa”. Seus exemplos são:

- avá-nhandéva *te*, *te'e* ‘eu’, mbyá /*tʃe'e*/ – kaiowá [*tʃe*] , guarani paraguaio [*tʃe*];
- avá-nhandéva *nde*, *nde'e* ‘você’, mbyá *nde'e* – kaiowá, guarani paraguaio *nde*;
- avá-nhandéva *ñu'ũ* ‘grama’, mbyá *ñu'ũ*, atxê *jo'õ*, gch *ñũu* – kaiowá, guarani paraguaio *ñũ*; e,
- avá-nhandéva *y*, *y'y* ‘água’, mbyá *y'y*, gchy, *ýy* – kaiowá, guarani paraguaio *y*.

Vejam-se também exemplos do atxê e do guarani do Chaco:

a) atxê:

*a'a* ‘cabelo, pelo’ – mbyá *a* ‘pelo’

*ã'ã* ‘dentes; semente’ – guarani paraguaio *-ãi* ‘dente’, confundido com *-a'yi* ‘semente’

*ape* ‘trilho, caminho’ – kaiowá, mbyá, guarani paraguaio – *ape*, kayabi, asurini do Xingú, wayãpi

*pe dju'u* ‘encontrar’ – guarani paraguaio *a-juhu* ‘encontrar’

*jy'y* ‘machado de pedra’ – guarani paraguaio, kaiowá *jy* ‘machado’

*puy'y*, *fwy'y* ‘pesado’ – guarani paraguaio *poñyi* ‘pesado’

*lla'a* ‘fruto’ – mbyá, tembé, kamaiurá *'a*, *yva* ‘fruto’

*lle'e*, *lle* ‘tripa, intestino’ – *-ye* ‘intestino’

*o'o* ‘folha’ – gch, ka'apor, wayãpi-*o* ‘folha’, tupinambá *-oβ-a*, kamaiurá *-op*

*proa* ‘umbigo’ – guarani paraguaio, mbyá *puru'ã* ‘umbigo’

*pre'e* ‘cantar (e dançar)’ – avá-guarani *mborahéi* ‘canto ritual’, guarani paraguaio *purahéi* ‘cantar’; mbyá *poraéi*, xetá *praj* ‘cantar, rezar’

*tõõ* ‘cabeça’ – mbyá *txe r-ova* ‘minha cabeça’, guarani paraguaio *t-ova* ‘rosto’

b) guarani do Chaco:

*óo* ‘casa’, mbyá *oó* – guarani paraguaio *óga*

*tũ* ‘branco’, mby *axĩ* – kaiowá, avá-nhandéva, guarani paraguaio *morotĩ*

*túu* ‘pai’, mbyá *tuú* – guarani paraguaio *túva*.

## Elementos de morfossintaxe e sintaxe avá-guarani

### 1) Expressão da evidencialidade

Na sua época e na sua qualidade de etnólogo não formado em linguística, Nimuendajú (1914, p. 298-299) é também bom observador em suas notas sobre a morfossintaxe e sintaxe do apapokúva. Referindo-se à estrutura da fala, ele comenta o uso da “partícula” *ma*, que ele analisa como “partícula afirmativa”, em oposição à “partícula” *pã* que marca as orações interrogativas. Segundo as suas observações, *ma* acentua a veracidade da afirmação a que se pospõe. A análise funcional de Nimuendajú é admirável, já que se aproxima das análises modernas que veem, no uso de *ma* no guarani paraguaio e guarani do Chaco, um morfema de evidencialidade, nesse caso da veracidade da afirmação testemunhada pelo falante (Dietrich, 2010b, p. 78).

De modo semelhante, Nimuendajú (1914, p. 299) descreve a função de *catú* (*katu* na grafia atual). Segundo ele, *catú* acentua e reforça a afirmação, correspondendo a expressões portuguesas como *sem dúvida, é que, mesmo*. Na língua moderna, *katu* se emprega com o mesmo valor quando, intercalado o posposto, é átono. Em construção predicativa, tônica, no início da oração, *i-katu*, significa ‘é possível’. Este é o uso que caracteriza também o guarani paraguaio moderno e o do mbyá. Dooley (2006, p. 81) descreve a função de *mbyá katu*, átono, como “partícula modal” que “indica intensidade ou até brusquidão”, com o significado ‘sem mais nada’. Nimuendajú, comparando o uso de *catú* em apapokúva com o do guarani antigo descrito por Ruiz de Montoya (2011 [1640]; 2002 [1640]), observa com razão que, no guarani jesuítico, *ma* não tinha o uso extenso que tem hoje nos dialetos guarani. Segundo Montoya, se empregava só em orações desiderativas e de exortação. Neste último campo semântico, é similar ao uso que Dooley descreve por “brusquidão”: *mbyá Epu’ã katu!* ‘Levante-se!’ No texto das lendas da criação e destruição do mundo as ocorrências de *catú* que Nimuendajú se resolve a traduzir por “e então”, isto é por uma conjunção coordenativa, antes têm o valor de ‘sem mais retardos, de vez, sem rodeios’. As conjunções coordenativas são frequentes nas nossas línguas ocidentais, mas não nas línguas indígenas (veja-se abaixo, § 4.6.). Citemos pelo menos dois exemplos de Nimuendajú:

- XXXVIII.1: *ña-mendá catu* ‘Vamos, casemos!’ (1ª p pl incl-casar + *catu*);
- XLI.4: *tyvýry-í catu o-cambuí ma* ‘o irmãozinho mamou (efetivamente, sem dúvida)’ (irmão-DIM *catu* 3ª p-mamar *ma*). DIM = diminutivo.

## 2) Marcação do alto degrau absoluto

Outra observação interessante de Nimuendajú, salientada também por Rodrigues (2008, p. 177), é a presença do elemento *eá* no texto ritual das lendas da criação e destruição do mundo. Nimuendajú (1914, p. 298) interpreta *eá* como forma de superlativo. Vendo seu exemplo das lendas (VIII.4), *ndijara-cuaaponãi eávae* ‘que são extremamente indômitos’<sup>8</sup>, eu corrijo sua expressão “superlativo”, alto degrau relativo, em elativo, categoria que exprime um alto degrau absoluto. Mas é absolutamente estupenda a análise de Nimuendajú quando ele ensaia uma explicação etimológica, relacionando *eá* com a raiz *-e* ‘dizer’ e, como não encontra *eá* em Ruiz de Montoya (2011 [1639]), recorrendo ao “Vocabulário das palavras Guaranis usadas pelo tradutor da *Conquista Espiritual* do P. Ruiz de Montoya” de Baptista Caetano de Almeida Nogueira, publicado em *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio Janeiro*, n. VII, 1879-1880, onde, na p. 114, se acha a forma *é-háb* ‘o que foi dito’. Como se Nimuendajú, um etnólogo que faz filologia, tivesse previsto, *éháb* corresponde perfeitamente ao *e-á* ‘é dito’ do mbyá (Dooley, 2006, p. 29) e ao *e-ague* ‘o que foi dito, como se dizia’ do avá-guarani moderno (Aquino/Proyecto Kuatiañe’ê, 2004, p. 28). É possível que, a partir da função de evidencialidade afirmativa, o elemento *eá* tenha adquirido a de elativo, pelo menos em certos contextos.

## 3) Expressão da negação

Com respeito à negação predicativa, Nimuendajú (1914, p. 298) menciona brevemente da forma descontínua mais comprida *nd-iri*, *n-ini*, em vez da forma descontínua simples *nd-i*, *n-i*. Ao *nd-i-porã-i* ‘não (é) bom’ do guarani antigo corresponde *na-ponã-ini* no apapokúva da sua época<sup>9</sup>. Esta forma comprida do apapokúva tem sua contrapartida no guarani paraguaio *n(d)..-íri*, que se usa com raízes terminadas em *-i*, como, por exemplo *nda-i-po’í-ri* ‘não é delgado’ ou na negação pro-oracional *nahániri* ‘não!’.

<sup>8</sup> O sintagma se segmenta e analisa da seguinte maneira: *ndij-arakuaa ponã-i eá-vae*  
NEG-domável bem-NEG ELAT-NOR  
'os que, de maneira extrema, não são  
bem disciplinados'.

As abreviaturas são: ELAT = elativo; NEG = negação predicativa (descontínua); NOR = nominalização oracional (nominalização de orações ou sintagmas predicativos em sintagmas nominais que, em muitos casos, correspondem às orações relativas das línguas indoeuropeias, como português, espanhol, francês, inglês, alemão, russo, grego, etc.).

<sup>9</sup> Anotemos, pela correção das formas, que a forma correta do guarani antigo como do moderno seria *n-i-porã-i*, com a variante *n...-i* em contexto nasal.



#### 4) 'Sim!' e 'não!'

Nimuendajú (1914, p. 299) faz observações altamente interessantes com respeito às pro-orações de afirmação e negação do apapokúva<sup>10</sup>. Em primeiro lugar constata que o apapokúva de sua época mantinha a antiga pró-oração *ta*, mencionada por Ruiz de Montoya (2002 [1640]) para os homens, só nos rituais. A resposta afirmativa a uma questão se fazia e se faz ainda pela repetição da questão pelo falante, substituindo a partícula *ma* (veja acima § 4.1.) à partícula interrogativa *pa*, *pānga*. Aliás, Montoya nota que as pró-orações do guarani antigo, *ta* na fala dos homens, *he'ẽ* na das mulheres, se usavam só para salientar a resposta. Normalmente, se repetia a questão no modo aludido. Nimuendajú discute também uma partícula *eneĩ* 'pois; pois, bem!', usada em contextos exortativos ou exclamativos. Esta interjeição ou pró-oração que resume a situação, lastimando-a ou pedindo novos esforços ao interlocutor, se apresenta também no guarani antigo (Ruiz de Montoya 2011 [1639]), na forma *eneĩ* 'ea já, tu', *penéi* 'ea já, vocês', no guarayo *eneĩ*, *penéi*; *eñei*, *peñei* 'vamos!', e no guarani do Chaco (Dietrich, 1986, p.168). Os seguintes exemplos do guarani do Chaco (gch) são citados segundo Dietrich (1986, p. 174-175):

gch *Hokwa ndechi o-jemimby õ-i; enëi, Tüpa hokwa ndechi*

DEM velho 3 p -tocar flauta 3ª p-estar; pois bem, Deus - DEM velho  
'este ancião estava tocando flauta; pois bem, este ancião era Deus'

*Oi-potá-tei o-juka-ø, enëi, mbáety i-pwera o-juka-reta*

3ª p-querer-FRUST3ª p-matar-obj, pois bem, NEG3ª p-poder 3ª p-matar-PL  
'queriam [o] matar em vão, pois bem, não puderam [o] matar'.<sup>11</sup>

Ainda mais importantes são as observações, do campo de uma linguística textual, que Nimuendajú faz acerca da pró-oração negativa *anyĩne* 'não!', *anyĩ* no avá-guarani moderno (Aquino/Proyecto Kuatiañe'ẽ, 2004, p. 16)<sup>12</sup>. Dos textos apapokúva que ele nos transmitiu resulta que a pró-oração *não!* não se usa como em português ou outras línguas ocidentais, isto é, como resposta a uma questão. Já em Ruiz de Montoya (2011 [1639]) se aprende que, nesses casos, o falante repete a pergunta, ou a parte central dela, na forma

<sup>10</sup> Em vez do termo tradicional "advérbio" propomos aqui uma formação em *pro-* com a qual se evita o termo "advérbio", pouco preciso, e se toma em consideração o caráter substituído do que se trata aqui. Elementos como *sim!* e *não!*, sintaticamente, são substituídos de orações afirmativas ou negativas. Como o pro-nome é um substituído de um nome, o elemento pro-ordinal se substitui a uma oração mais completa.

<sup>11</sup> Abreviaturas: DEM = demonstrativo, FRUST = evidencialidade da ação frustrada (que era de esperar, mas não se realizou), NEG = negação predicativa forte, PL = pluralidade.

<sup>12</sup> As formas correspondentes dos outros dialetos guarani são as do guarani antigo, *aã nĩ*, *aãñy* 'não!', do guarayo, *ani* 'não!' e do guarani paraguaio, no qual *ani* 'não ...!' introduz o imperativo negativo, com a 2ª p do indicativo do verbo. No mbyá (*any* 'não!') e no guarani do Chaco (*ãni* 'não!') trata-se de pró-orações negativas.

negativa. Nimuendajú nos ensina que, em apapokúva, o elemento *anyíne* ‘não!’ se emprega não como pró-oração, mas antes como elemento de correção inter-oracional. Nós dizemos “Não!” para replicar a uma interrogação total. “O que está fazendo?” “Não!”, para nossas tradições textuais, é uma resposta inadequada a uma interrogação parcial (*o que?*). Costumamos replicar por “não!” quando nos fazem perguntas totais do tipo “Já chegou sua mãe?”. Os exemplos de Nimuendajú são ilustrativos: XXX.6 “O que estás exclamando, meu sobrinho?” – “Não, tio, estou exclamando coatís”. XXXIV.1: “O que você matou, pai?” – “Não! Não vão ver ali, eu trouxe um cabeça-preta”. Em ambos os casos, o falante modera a expectativa do interlocutor, defendendo-se de respostas imediatas.

## 5) Construções seriais

Hoje se sabe muito sobre a sintaxe dos verbos seriais (Aikhenvald/Dixon, 2006; Velázquez-Castillo, 2004). Nimuendajú já suspeitou este tipo da organização semântica de certas ações que facilmente se relacionam com verbos de movimento. Construções com verbos seriais são as que descrevem um conceito único, mas complexo, descompondo a noção em duas ou até três ações separadas, como, por exemplo, a noção ‘trazer’ em ‘ir + apanhar + voltar’ ou ‘chegar trazendo’. O segundo caso é aquele que se observa frequentemente nas línguas indígenas sul-americanas. A construção com verbo serial sempre forma um predicado unitário. Nimuendajú (1914, p. 298) não descreve o fenômeno nos termos de verbos seriais, o que é natural já que as primeiras discussões do fenômeno datam de finais dos anos 30 do século passado. Nimuendajú chama a atenção ao frequente uso das formas verbais do apapokúva que ele chama, segundo a tradição de Ruiz de Montoya, de “gerúndio-supino”, geralmente dos verbos *o* ‘ir’ e *u* ‘vir’ (abreviaturas: EV = evidencialidade, GER = gerúndio):

IV.1: *oj-apó ma o-ó-vy*, 3<sup>a</sup> p-fazer EV 3<sup>a</sup> p-ir-GER, ‘ele [os] fez indo’, ‘indo ele os fez’

XXV.5: *o-pó yv́y áno o-ú-vy*, 3<sup>a</sup> p-saltar terra sobre 3<sup>a</sup> p-vir-GER, ‘saltou à terra, vindo’, ‘veio saltando à terra’.

XXV.6: *o-açá o-ó-vy*, 3<sup>a</sup> p-atravesar 3<sup>a</sup> p-ir-GER, ‘atravessou [o rio] avançando’, ‘foi a atravessar o rio’.

Esse tipo de construção é fundamental em todos os dialetos guarani. Citamos do mbyá (Dooley, 2006, p. 39): *poice ajopy h-eru-py xe-ro katy* ‘peguei a foice e a trouxe para casa’, ‘peguei a foice trazendo-a para casa’. No guarani do Chaco (Dietrich, 1986, p. 173), por falta de gerúndio, observamos a justaposição de verbos que formam um predicado unitário: *ó-ho o-vãe* ‘foi chegou’, ‘che-

gou', com a ideia de alguém que foi embora; *ó-u o-vãe* 'veio chegou', 'chegou', com a ideia de alguém que veio para o falante; *õ-e ó-ho mãty* 'saiu foi longe', 'saindo foi longe'. No guarani paraguaio, as construções gerundiais com *-vo* e verbos de movimento não são sempre construções seriais. Muitas vezes se trata de predicados separados, o gerúndio-supino que segue o verbo de movimento sendo o alvo, isto é o complemento final do verbo de movimento: *a-ju roi-pytyvõ-vo* 'vim a te ajudar'. Uma construção como *che rasy a-ikó-vo*, que se traduz por *estou doente*, se analisa como 1ª p doença 1ª p-estar-GER, isto é, 'minha doença [existe] estando eu', 'enquanto estou eu estou doente'. É um modo para exprimir situações em línguas que não têm cópula. Veja-se também Velázquez-Castillo (2004).

## 6) Coordenação

Nimuendajú (1914, p. 298), comentando a falta de conjunções coordenativas no guarani e no apapokúva, observa que, em vez de dizer *mosquitos e bariguís*, nas lendas da criação e destruição do mundo se diz *mosquitos, bariguís também*: *ñatiũ, mbariguí avé*, isto é, em grafia atual, *ñati'ũ mbariguí ave*. Só no guarani paraguaio se desenvolveu uma conjunção coordenativa, *ha*, segundo o modelo do espanhol *y* 'e'. Nimuendajú, continuando as suas observações, menciona o uso frequente de *aé-py, aégui* (*a'épy, a'égui* na grafia de hoje e sem segmentação). Trata-se de um antigo demonstrativo que se usa como suplente do pronome de 3ª pessoa, que em guarani não tem forma própria. *A'épy* 'nisto, nisso' e *a'égui* 'disso, a partir disso' são as expressões que, no texto ritual que está na base das observações de Nimuendajú, servem de conjunções coordenativas temporais, razão pela qual Nimuendajú justifica a sua tradução por "e então" ou simplesmente "e".

## 7) Distinção de diferentes estilos de fala

Nimuendajú (1914, p. 299) termina suas notas introdutórias sobre a língua, antes de descrever as ideias religiosas dos apapokúva, admirando a pureza linguística dos textos rituais com respeito ao seu léxico. Nas lendas da criação e destruição do mundo, não se encontra nem um só empréstimo léxico. Até o empréstimo tradicional *curuçu* 'cruz' se substitui a *yoyrá jo-açá* 'madeira REC-atraversar', 'paus que se cruzam' (REC = ação recíproca). Ao passo que a língua ritual contém vários arcaísmos (*i-ú* '(meu) pai', *oiaú* 'sumiu-se'<sup>13</sup>), a

<sup>13</sup> A forma *oiaú* 'se sumiu' citada por Nimuendajú apresenta vários problemas de análise. Não se encontram correspondências nos outros dialetos guarani. Tal vez se relacione com guarayo *o-je-aúba* 'andar de cá para lá', 'fazer um desvio', o que permitiria uma segmentação *o-iaú*.

língua de todos os dias, segundo as experiências de Nimuendajú, está impregnada de empréstimos portugueses, no litoral paulista e norte de Paraná; por outro lado, o avá-nhandéva do sul de Mato Grosso do Sul está se mesclando com o guarani paraguaio. As pessoas começam a conjugar verbos portugueses com morfemas do guarani, procedimento típico do yopará paraguaio, que é o guarani paraguaio falado com mais ou menos interferência espanhola.

## Conclusão

Nimuendajú nos dá acesso ao avá-guarani tradicional pelo meio da língua ritual apapokúva. Ele, que não era linguista, teve muito boa observação linguística para a sua época e boas intuições para explicar certos fenômenos. Ele tinha bom conhecimento do guarani para assim fazer análises de comparação histórica. É só o trabalho sistemático de Dooley (1991), quase 80 anos depois de Nimuendajú, que tentou compilar todos os dados fonológicos e morfossintáticos acessíveis para apresentar uma vista de conjunto, embora sempre imperfeita, do avá-nhandéva brasileiro. Outros trabalhos modernos (Aquino/Kuatiañe'ê, 2004; Costa, 2010, Freitas, 2011) completam a ideia que podemos fazer de uma língua que já na época de Nimuendajú começava a se alterar e que hoje está em decomposição. Mas essa expressão feia talvez não seja justa para descrever a realidade linguística, que nunca correspondia e hoje ainda menos corresponde à ideia idealista, até romântica, que vinha nos transmitindo a linguística histórica, de línguas bem separadas e bem separáveis uma da outra.

## Referências

AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. *Serial Verb Constructions*. A cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press, 2006.

AQUINO, Almidio / PROYECTO KUATIAÑE'Ê. *Avá Guarani Ayvu Ñe'ẽngueyru*. Dicionario Trilingüe Avá Guarani. Asunción: Universidad Evangélica del Paraguay/Facultad de Lenguas Vivas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ache javukuaavãgi – ache ñe'ẽngueyru* – Dicionario ache-español-guarani, español-ache-guarani. Asunción: Universidad Evangélica del Paraguay/Facultad de Lenguas Vivas, 2006.

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. *Nhandewa Aywu*. Fonologia do Nhandewa-Guarani. Campinas: Curt Nimuendajú; Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2010.

DIETRICH, Wolf. *El idioma chiriguano*. Gramática, textos, vocabulário. Madrid: ICI, 1986.

\_\_\_\_\_. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010a. p. 9-25.

\_\_\_\_\_. Tiempo, aspecto y evidencialidad en guarani, *LIAMES*, Campinas, n. 10, p. 67-83, 2010b.

\_\_\_\_\_. La función del sufijo guaraní-*kie*/(*n*)*gue*. *UniverSOS*, València, n. 8, p. 65-77, 2011.

DOOLEY, Robert A. Apontamentos preliminares sobre Nandéva Guarani contemporâneo. *Arquivo Lingüístico*, Brasília, n. 197, 1991.

\_\_\_\_\_. *Léxico guarani*: dialeto mbyá. Cuiabá: SIL, 2006.

FABRE, Alain. Dicionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. TUPI, NHANDEVA / AVÁ-GUARANI / CHIRIPÁ. *Tampere* [online], p. 125-129, maio 2005. Disponível em: <<http://www.ling.fi>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

FREITAS, Maria Luisa de Andrade. *Hierarquia de pessoa em Avá-Guarani*. Considerações a partir da morfologia distribuída. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL/ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011a.

\_\_\_\_\_. Hierarquia de pessoa em Avá Guarani: aspectos sintáticos e morfológicos, *LIAMES*, n. 11, p. 7-33, 2011b.

HOELLER, P. Fray; Alfredo, O. F. M. *Grammatik der Guarayo-Sprache*, Guarayos (Dep. S. Cruz, Bolívia). Hall in Tirol: Verlag der Missionsprokura der P.P. Franziskaner, 1932.

NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, n. 46, p. 284-403, 1914. Disponível em: <<http://biblio.ethnolinguistica.org/nimuendaju-1914-apapocuva>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1987.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. As consoantes do Proto-Tupi. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (Orgs.). *Línguas e culturas tupi*, Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2007. p. 167-203. v. 1.

\_\_\_\_\_. Nimuendajú, ein ausgezeichnete Forscher der Guarani-Sprache. In: *Geschichte und aktualitaet der deutschsprachigen Guarani-Philologie*. Münster: LIT, p. 171-178, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; DIETRICH, Wolf. On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guarani, *Diachronica*, v. 14, n. 2, p. 265-304, 1997.

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. *Arte de la lengua guarani*. Edición facsimilar con introducción y notas por Bartomeu Melià. Asunción: CEPAG, 1993 [1640].

\_\_\_\_\_. *Vocabulario de la lengua guarani*. Transcripción y transliteración por Antonio Caballos, introducción por Bartomeu Melià, S.I. Asunción: CEPAG, 2002 [1640].

\_\_\_\_\_. *Tesoro de la lengua guarani*. Introducción y notas por Bartomeu Melià, S.I., transcripción y transliteración por Antonio Caballos. Asunción: CEPAG, 2011 [1639].

VELÁZQUEZ-CASTILLO, Maura. Serial Verb Constructions in Paraguayan Guarani, *IJAL*, n. 70, v. 2, p. 187-213, 2004.

ZANARDINI, José; BIEDERMANN, Walter. *Los indígenas del Paraguay*. 2. ed. Asunción: Zamphiropolos, 2006.

**Recebido em 13 de novembro de 2012**

**Aprovado para publicação em 12 de dezembro de 2012**